



ARTICULAÇÃO

De olho no Palácio do Planalto, presidenciais estão em negociação com as casas legislativas, a fim de assegurar a governabilidade nos quatro anos de mandato. Acordos incluem apoio nas eleições para presidências da Câmara e do Senado

Pré-candidatos buscam alianças com o Congresso

» MICHELLE PORTELA
» TAÍSA MEDEIROS

Todos os olhares cada vez mais se voltam para os pré-candidatos ao Palácio do Planalto. Mas, para além do início de campanha visível — nas redes sociais e declarações dos presidenciais —, há as negociações dos bastidores. Muitas delas vislumbram as cadeiras mais importantes do Congresso Nacional: as presidências da Câmara e do Senado Federal.

O candidato petista trabalha abertamente para fechar mais um partido na chamada federação de esquerda — ironicamente apelidada de “federação do Lula”. Mais do que vencer as eleições, Luiz Inácio Lula da Silva também busca viabilizar um bom trânsito com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Caso venha a trazer o PSD para o seu arco de alianças, como tem negociado, Lula pode defender a reeleição de Pacheco à chefia do Senado. Caso não consiga o apoio formal do PSD, o petista teria como opção o aliado de primeira hora do MDB, Renan Calheiros. Já Bolsonaro está mais preocupado com a sucessão na Câmara, o que implicaria a reeleição de Arthur Lira (PP-AL), cujo espaço Lula quer reduzir.

Na última semana, o petista e o presidente do PSD, Gilberto Kassab, voltaram a se encontrar, em São Paulo. A conversa teve como eixo o possível apoio dos sociais democratas à candidatura de Lula já no primeiro turno. O ex-presidente já afirmou, em outra ocasião, que seu cenário ideal seria o de ter o PSD ao seu lado na largada da eleição, o que poderia envolver, inclusive, a vice na chapa.

Para o deputado federal Sérgio Britto (PSD-BA), o diálogo de Kassab com Lula é “muito importante” e vem sendo conduzido “com maestria”. “Eu, particularmente, se apoiarmos o presidente Lula na Bahia, sou muito favorável a esse diálogo. O Kassab precisa ter muita tranquilidade, porque nós sabemos que dentro do próprio PSD ainda há pessoas divididas. Tem estados

que apoiam o presidente atual, e outros que apoiam o presidente Lula”, afirmou.

O parlamentar vê com bons olhos a busca de Lula pelos partidos de centro. “Ele é um homem experiente, preparado. Eu consigo separar o Lula do PT. Eu acho que o Lula tem mais habilidade de dialogar do que o próprio partido dele. Tem outra visão de Estado, de país, do que o PT”, avaliou o deputado.

Diálogo

Já os emedebistas admitem a possibilidade de conversas. O deputado federal João Marcelo (MDB-MA) diz que o “namoro é para depois”, mas que negociações sempre acontecem. “Não é hora de falar em aliança. De conversar, com certeza. Lula tem todo o nosso respeito. Nós temos a nossa presidenciais, mas claro que as conversas sempre continuam porque tudo pode acontecer”, afirmou o parlamentar.

O deputado federal Hercílio Diniz (MDB-MG) acredita que a construção de Lula mais ao centro é necessária, e não descarta uma maior aproximação do PT com o MDB. “Já teve no passado, depois houve um afastamento. Mas, aí, o Lula vai ter que ceder. Vai ter que aceitar a construção. Não podemos destruir o que foi feito, só aperfeiçoar”, defendeu.

Tais diálogos com os partidos de centro são decisivos para a aprovação de projetos e mudanças efetivas. “Todo presidente, quando eleito, precisa pensar na maioria. Historicamente no Brasil, desde 1988 até a última eleição, nenhum presidente conseguiu conquistar sozinho a maioria das cadeiras”, explicou a doutoranda em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, Joyce Hellen Luz.

“Todo partido que for eleito, independentemente se for de esquerda ou de direita, vai precisar negociar com o centro. Só partidos de direita ou esquerda não formam maioria legislativa”, ressaltou.

A movimentação de Lula também perpassa pelo controle das

Ricardo Stuckert/Instituto Lula e Clauber Cleber Caetano/PR



Enquanto Lula volta seus esforços para o Senado, Jair Bolsonaro preocupa-se em reeleger Arthur Lira para a Câmara



Todo partido que for eleito, independentemente se for de esquerda ou de direita, vai precisar negociar com o centro. Só partidos de direita ou esquerda não formam maioria legislativa

Joyce Hellen Luz, pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)

casas legislativas. A professora da Escola de Políticas Públicas e Governo da FGV Graziella Testa destaca dois motivos para definir o porquê deste domínio ser importante para o chefe do Executivo: estar próximo de quem fiscaliza o governo e manter o trânsito para aprovação de projetos do Planalto.

“O primeiro e mais flagrante, e é o que acho que mais motivou o presidente Jair Bolsonaro, que, no primeiro momento não tinha grandes ambições de apoio parlamentar, mas em certo ponto do mandato ele decidiu, que é pelo Congresso que ocorre a cobrança e fiscalização do Poder Executivo. Está na mão, por exemplo, do presidente da Câmara dos Deputados decidir se vai ser aberto ou não o processo do impeachment. A segunda dimensão é a

de projeto de governo. É preciso apoio do Congresso para aprovar uma série de regulamentações e leis”, detalhou a professora.

Lula e o racha no PSDB

Aliados, hoje, ao presidente Bolsonaro, caciques importantes que integram a linha de frente do centrão também admitem sentar para conversar com o ex-presidente Lula. O petista almeja ampliar a bancada do partido de 53 para 80 deputados a partir das articulações nos estados. A federação poderia eleger entre 180 e 220 deputados.

Em meio à confusão, o PSDB começou a rachar e parte da legenda ameaça não apoiar João Doria, que venceu as prévias partidárias. Grupos aliados a Geraldo Alckmin, ex-tucano e ainda sem

sigla, ameaçam seguir o ex-governador paulista para apoiar o PT.

O deputado federal Alexandre Frota (PSDB-RJ) confirmou o racha e a disputa interna declarada. “O PSDB não é de desistir de nada, mas temos um partido rachado atualmente. Confuso, que precisa voltar a ser protagonista. Porém, para isso, algumas coisas precisam mudar”, disse.

O parlamentar afirma que, além de Lula, existem aqueles que defendem se unir a Bolsonaro. “Se tem desistência, não sei. Mas existem os que não aceitam a derrota ou a vitória do Doria. Ele foi escolhido democraticamente nas prévias e isso é o que vale. Mas tem a ala PSDB Bolsonaro que vota e gosta do Bolsonaro. Não posso fazer nada. Em rio de piranha, jacaré nada de costas”, disse.

PDT e PSDB negam divisão nas legendas

» DEBORAH HANA CARDOSO
» TAÍSA MEDEIROS

As pré-candidaturas da chamada “terceira via” continuam nutrindo alguma esperança de vitória, principalmente na ala pedetista. Ao **Correio**, o deputado federal Dagoberto Nogueira Filho (PDT-MS) afirmou que a legenda mantém diálogo com outros partidos para uma eventual federação — na esteira da prorrogação até maio concedida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) para os acordos. O prazo é comemorado também por outras legendas de esquerda, como o PT e o PSB, que passam por um desgaste em meio a duras negociações.

O parlamentar explicou que não há uma divisão dentro do PDT no que tange o pleito de 2022 e até fez um gracejo ao citar uma leve melhora no percentual de intenção de votos do pré-candidato da sigla, Ciro Gomes, frente a Sergio Moro (Podemos). Na mais recente pesquisa

Quest/Genial, ambos empatados com 7%. Antes, Moro estava com 9% e Ciro com 5%. “Muito pelo contrário, ele deu uma subidinha. Tá todo mundo junto com Ciro”, disse.

Com alguma coerência, tanto Dagoberto quanto o senador Izalci Lucas (PSDB-DF) concordam sobre a busca do ex-presidente Lula (PT) pelo centro, mas em diferentes perspectivas. O deputado afirmou: “Agora precisa ver que tipo de centro ele [Lula] está buscando. Não pode buscar quem já prejudicou ele [Lula] no passado. Tem gente que ideologicamente não concorda, mas são pessoas [chapa Lula-Alckmin] decentes”. Para o senador, o desembarque e uma eventual chapa com o petista é uma surpresa irracional. “Uma decisão pessoal pensada com fígado e uma incoerência com a história [de Alckmin]”, criticou.

Uma ruptura no seio no tucanato, para Izalci, não deveria ser cogitada, já que todos aceitaram as regras das prévias do

partido, incluindo o senador José Aníbal (PSDB-SP), que hoje sinaliza apoio pela candidatura de Simone Tebet (MDB-MS).

Veteranos

O professor de relações institucionais do Ibmecc Brasília Eduardo Galvão chama atenção para o fato de que, pela primeira vez, os dois principais candidatos às eleições presidenciais já ocuparam a cadeira no Palácio do Planalto antes.

“Isso reduz a incerteza no eventual governo de cada um deles. Mas um novo presidente Lula e um novo presidente Bolsonaro não serão como foram nos seus primeiros mandatos”, explicou.

Já para os ditos candidatos da terceira via, de acordo com a colunista especializada em política Dora Kramer, Ciro é pressionado a desistir da candidatura há um tempo, assim com Doria — este pela ala perdedora.

CARL DE SOUZA/CB/DA Press



Pedestistas desconversam quanto a indícios de cisão e dizem que Ciro subiu nas pesquisas